

O PAPEL DAS COMUNIDADES LOCAIS NA SUSTENTABILIDADE DOS
DESTINOS TURÍSTICOS: ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE AS
POSSIBILIDADES PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

THE ROLE OF LOCAL COMMUNITIES IN THE SUSTAINABILITY OF TOURIST
DESTINATIONS: EXPLORATORY STUDY ON THE POSSIBILITIES FOR
COMMUNITY-BASED TOURISM

Recebido em: 24/06/2024

Aceito em: 24/07/2024

Publicado em: 29/07/2024

Giancarlo Moser¹ 

Universidade do Sul de Santa Catarina

Thiago Henrique Almino Francisco² 

Universidade do Extremo Sul Catarinense

José Baltazar Salgueirinho Osório de Andrade Guerra³ 

Universidade do Sul de Santa Catarina

Resumo: Este artigo explora o papel das comunidades locais na sustentabilidade dos destinos turísticos, destacando os benefícios e desafios da integração comunitária no desenvolvimento turístico sustentável. A pesquisa utiliza uma abordagem teórico-exploratória, baseada na revisão sistemática e crítica da literatura existente, para identificar lacunas e formular novas hipóteses sobre a participação comunitária no turismo. O estudo revela que a inclusão das comunidades locais é essencial para garantir a preservação ambiental, a valorização cultural e a equidade social, promovendo um turismo que atende tanto às necessidades dos turistas quanto às aspirações das comunidades receptoras. O modelo de Turismo de Base Comunitária (TBC) é apresentado como uma solução viável para equilibrar os interesses econômicos, sociais e ambientais, destacando a importância da autogestão, do cooperativismo e da participação ativa das comunidades.

Palavras-chave: Turismo Sustentável; Comunidades Locais; Turismo de Base Comunitária; Desenvolvimento Turístico.

Abstract: This article explores the role of local communities in the sustainability of tourist destinations, highlighting the benefits and challenges of integrating community participation in sustainable tourism development. The research employs a theoretical-exploratory approach, based on a systematic and critical review of existing literature, to identify gaps and formulate new hypotheses on community involvement in tourism. The study reveals that the inclusion of local communities is essential for ensuring environmental preservation, cultural appreciation, and social equity, promoting tourism that meets both the needs of tourists and the aspirations of host communities. The Community-Based Tourism (CBT) model is presented as a viable solution for balancing economic, social, and environmental interests, emphasizing self-management, cooperativism, and active community participation.

Keywords: Sustainable Tourism; Local Communities; Community-Based Tourism; Tourism Development.

¹ Professor da Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: mosergiancarlo@gmail.com

² Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: profthf@gmail.com

³ Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: profthf@gmail.com

INTRODUÇÃO

A sustentabilidade tornou-se um dos principais pilares do desenvolvimento turístico moderno. À medida que a demanda por experiências autênticas e ambientalmente responsáveis cresce, a integração de práticas sustentáveis nos destinos turísticos se torna cada vez mais crucial. Nesse contexto, a participação das comunidades locais é essencial para garantir a preservação ambiental, a valorização cultural e a equidade social. Pesquisadores brasileiros e estrangeiros têm destacado a importância da sustentabilidade no turismo e o papel central das comunidades locais nesse processo. Este artigo explora como as comunidades locais podem contribuir para a sustentabilidade dos destinos turísticos, destacando os benefícios dessa colaboração e os desafios a serem superados.

O objetivo deste artigo é examinar o papel vital que as comunidades locais desempenham na promoção da sustentabilidade em destinos turísticos. Discutiremos como a participação ativa dessas comunidades pode levar a práticas turísticas mais responsáveis e sustentáveis, bem como os obstáculos que precisam ser enfrentados para maximizar essa participação. Ao abordar este tema, esperamos sensibilizar gestores públicos, empresas do setor e turistas sobre a importância de envolver as comunidades locais no planejamento e na gestão do turismo sustentável.

Discutir o papel das comunidades locais na sustentabilidade dos destinos turísticos é fundamental por várias razões. Primeiramente, as comunidades locais possuem um conhecimento íntimo e valioso sobre seus ambientes naturais e culturais, que pode ser crucial para a implementação de práticas sustentáveis. Além disso, o envolvimento das comunidades garante que os benefícios econômicos do turismo sejam distribuídos de maneira mais equitativa, promovendo o desenvolvimento local e reduzindo a pobreza. Finalmente, a participação comunitária fortalece a resiliência das comunidades frente às mudanças ambientais e econômicas, criando destinos turísticos mais sustentáveis e duradouros.

Os impactos do turismo convencional no meio ambiente, o econômico e o sociocultural levaram a crescentes preocupações sobre a sustentabilidade em longo prazo das atividades turísticas como uma ferramenta de desenvolvimento comunitário. Esses impactos não apenas afetam a qualidade de vida das comunidades anfitriãs, mas também influenciam seu nível de apoio a projetos de desenvolvimento turístico. Nesse sentido, Beni (1998, p. 37) aponta que o turismo é um:

Elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de

Página 2 de 17

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v6i2.1367>

natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica. Que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transportes e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos.

Neste sentido, por comunidade entendemos⁴ um grupo de pessoas que vivem no mesmo lugar e têm algo em comum, seja cultura, atividade econômica ou simplesmente a terra e seus ecossistemas. Na maioria dos casos, neste estudo, são principalmente: agricultores, pescadores, povos indígenas, artesãos ou quilombolas (assentamentos sertanejos fundados por pessoas de origem africana) que vivem em áreas rurais remotas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho utiliza a metodologia de pesquisa teórico-exploratória, caracterizada pela revisão sistemática e crítica da literatura existente sobre o tema de estudo. O objetivo desta abordagem é identificar lacunas ou inconsistências na teoria e formular novas hipóteses ou teorias, proporcionando uma compreensão aprofundada do papel das comunidades locais na sustentabilidade dos destinos turísticos.

Diferentemente da pesquisa exploratória empírica, a pesquisa teórico-exploratória não envolve a coleta de dados primários. Em vez disso, baseia-se na análise crítica de informações qualitativas disponíveis em fontes acadêmicas, como artigos científicos, livros, teses e dissertações. A escolha dessa metodologia permite uma análise abrangente e detalhada das publicações já realizadas sobre o tema, garantindo que as conclusões do estudo sejam fundamentadas em uma base teórica sólida.

Conforme Marconi e Lakatos (2017), a revisão sistemática deve ser conduzida com base em critérios pré-definidos, garantindo a relevância e a qualidade das fontes utilizadas. Os critérios de escolha dos autores e fontes para este estudo incluíram a relevância do tema, assegurando que a literatura revisada esteja alinhada com os objetivos do estudo; o

⁴ Diversos pesquisadores se debruçaram sobre o conceito “comunidade”. Poderíamos, a título de exemplo, citar alguns clássicos como Ferdinand Tönnies (1973, 1995), Max Weber (1973), Robert A. Nisbet (1953), Martin Buber (1987), Talcott Parsons (1969), além de contribuições mais recentes, como as de Zygmunt Bauman (2003), Gianni Vattimo (2007), Roberto Espósito (2007), Davide Tarizzo (2007), Manuel Castells (1999), Marcos Palácios (2001), Raquel Recuero (2003), além de Cicilia Peruzzo (2002) e Raquel Paiva (2003), entre outros.

reconhecimento acadêmico, escolhendo autores cujas contribuições são amplamente reconhecidas na academia e que possuem um histórico significativo de publicações sobre o tema, incluindo diferentes abordagens teóricas e metodológicas para garantir uma visão multidimensional e abrangente do tema; a atualidade, considerando fontes recentes para assegurar que as discussões estejam atualizadas e reflitam as tendências e desafios contemporâneos do turismo sustentável; e o impacto e citação, selecionando obras frequentemente citadas e influentes na literatura sobre turismo sustentável e participação comunitária, indicando sua importância e reconhecimento na área.

A abordagem teórico-exploratória permite uma compreensão holística do tema, considerando múltiplas perspectivas e abordagens teóricas. Isso é crucial para o desenvolvimento de uma visão integrada e multidimensional da sustentabilidade no turismo, especialmente no contexto do Turismo de Base Comunitária. Ao identificar lacunas na literatura existente, esta metodologia oferece um caminho claro para futuras investigações empíricas, orientando os pesquisadores sobre quais aspectos demandam maior atenção e quais questões permanecem sem resposta.

Dessa forma, a metodologia utilizada neste estudo não só proporciona uma base teórica ampla para a discussão, mas também contribui para o avanço do conhecimento no campo do turismo sustentável, oferecendo insights valiosos para a formulação de políticas públicas e estratégias empresariais que promovam a participação efetiva das comunidades locais.

BREVE CONCEITUAÇÃO DE TURISMO

Os vários conceitos de turismo se transmutam em uma infinidade de autores que presos nas teias conceituais da multiplicidade de aspectos que cercam a atividade turística o definem baseados, por sua vez, em outros autores, não havendo um pleno consenso entre os estudiosos. Contudo, existe uma tendência em se considerar qualquer movimento de viagem para fora da área de habitação natural de um indivíduo, ou seja, sua casa, como uma viagem de turismo. É óbvio que esta definição não encerra em si todos os movimentos de um cidadão no sentido de deixar o seu lar cotidianamente, como por exemplo: ir ao trabalho, às compras, a cultos religiosos etc.

Uma das primeiras definições consistentes dada ao termo turismo foi estabelecida, possivelmente, pelo economista austríaco Herman Von Schullard em 1910 (apud LAGE;

MILONE, 1998, p. 76), sendo “a soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região”. Este conceito contempla duas ideias básicas: de que o turismo se caracteriza por várias operações, principalmente, de natureza econômica e que está relacionado ao movimento de estrangeiros.

A Comissão Econômica da Liga das Nações (1937) definiu o turista para fins de estatísticas internacionais de viagens como: “qualquer pessoa que viaje por um período de 24 horas ou mais em um país que não seja o de sua residência”. Por volta de 1942, os professores suíços Hunziker e Kraper (apud IGNARRA, 1998, p. 42) completaram conceituações anteriores sobre o turismo como “o complexo de relações e fenômenos relacionados com a permanência de estrangeiros em uma localidade, pressupondo-se que estes não exerçam uma atividade principal, permanente, ou temporária remunerada”. Nesse sentido, Panosso Netto (2013), diz que o turismo é visto como um conjunto de relações decorrentes de viagens e estadas de forasteiros, desde que não vinculados a alguma atividade produtiva nem com residência permanente.

Em uma conceituação mais recente e de características relacionadas aos processos de experiências que afligem o indivíduo hodiernamente, temos a definição de, que afirmam que

[...] O turismo caracteriza-se pelo deslocamento de pessoas para fora do seu ambiente no qual habitualmente vivem, em busca de recuperação psicofísica provocada pelas agitações da vida moderna (TOMELIN E RUSCHMANN, 2013, p. 219).

Portanto, o turismo pode ser focalizado como um fenômeno que se refere ao movimento de pessoas dentro de seu próprio país (turismo doméstico) ou cruzando as fronteiras nacionais (turismo internacional). Este movimento revela elementos tais como interações e relacionamentos individuais e grupais, compreensão humana, sentimentos, percepções, motivações, pressões, satisfação, a noção de prazer, etc.

SINERGIAS ENTRE SUSTENTABILIDADE, TURISMO E COMUNIDADE

O turismo como é uma atividade econômica global e quase onipresente, é frequentemente percebida como um setor regido por um mercado que opera em uma escala aparentemente inacessível para intervenções locais. Predomina a noção de que o turismo é

impulsionado exclusivamente pela demanda, enquanto a oferta é uma mera resposta subserviente a essa demanda.

Essa visão reducionista pressupõe a existência de um único tipo de turismo, oferecendo uma interpretação unívoca e simplista dessa atividade: o turismo como uma manifestação exclusiva dos interesses e lógicas de mercado. Tal perspectiva ignora a possibilidade de alternativas e nuances, semelhante à suposição de que há apenas uma forma de cultivar plantações, criar animais ou gerir indústrias.

Ao adotar essa abordagem limitada, desconsidera-se a diversidade de práticas turísticas que podem emergir a partir das particularidades culturais, sociais e ambientais de diferentes regiões. Essa visão também desvaloriza as potencialidades do turismo para promover o desenvolvimento sustentável e inclusivo, ao não reconhecer modelos alternativos que priorizam a sustentabilidade, a participação comunitária e a valorização do patrimônio cultural.

No entanto, reconhece-se que o turismo, assim como outras atividades econômicas e sociais, pode ser multifacetado e adaptável a diversos contextos. A flexibilidade do turismo permite que ele seja moldado por princípios de sustentabilidade e justiça social, promovendo um desenvolvimento mais equitativo e benéfico para todas as partes envolvidas. Modelos como o Turismo de Base Comunitária (TBC) demonstram que é possível integrar os interesses do mercado com os valores locais, criando uma sinergia que beneficia tanto as comunidades anfitriãs quanto os visitantes.

Além disso, é evidente que o desenvolvimento do turismo — qualquer modalidade de turismo — implica uma transformação profunda dos locais onde essa atividade antes não existia, como ocorre com qualquer outra atividade econômica que surja ou sofra mudanças substanciais. Essa transformação provocada pelo turismo não pode ser compreendida por meio de uma leitura mecânica e apriorística; ao contrário, requer uma análise que aborde a incerteza e a ambivalência da complexidade, considerando tanto a agência humana quanto os fatores estruturais evidentes.

Nesse sentido, Moesch, assevera que a atividade turística pode ser compreendida como:

Uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica

sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade (MOESCH, 2002, p. 09).

Portanto, como qualquer outra atividade, o turismo pode ser organizado de maneiras diversas. Sua versão mais convencional e hegemônica, que coloca a demanda como a pedra angular do modelo turístico, pode ser matizada com uma perspectiva mais firmemente ancorada na oferta: um modelo orientado para a organização, gestão e distribuição equitativa dos lucros.

Naturalmente, não pode haver turismo sem turistas; não há atividade sem a atração e satisfação da demanda, e, nesse sentido, o turismo será sempre global. No entanto, sem contrariar este princípio de mercado, é possível definir essa atividade turística substancialmente em termos de perspectivas e interesses locais. A integração de perspectivas locais no planejamento e na gestão do turismo pode enriquecer a experiência turística, tornando-a mais autêntica e sustentável. Segundo Ruschman (2000, p. 34), os impactos da atividade turística:

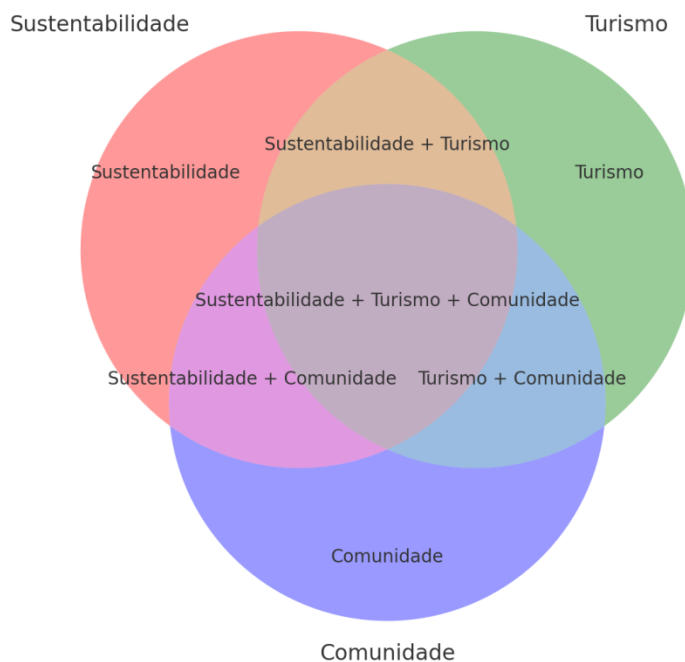
[...] são consequência de um processo complexo de interação entre os turistas, as comunidades e os meios receptores. Muitas vezes, tipos similares de Turismo provocam diferentes impactos, de acordo com a natureza das sociedades nas quais ocorrem [...] (pois) referem-se à gama de modificações ou seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras.

Nesse contexto, é essencial considerar como as dinâmicas globais e locais podem coexistir de maneira harmoniosa. A chave para esse equilíbrio reside na criação de sinergias entre sustentabilidade, turismo e comunidade, que, quando trabalhadas em conjunto, podem reforçar mutuamente seus benefícios e promover um desenvolvimento mais holístico e equilibrado. Não obstante, as possibilidades de sinergias entre sustentabilidade, turismo e comunidade apontam que essas três dimensões podem interagir de maneira complementar e mutuamente reforçadora. A sustentabilidade assegura práticas que promovem o equilíbrio ambiental, econômico e social em longo prazo, garantindo a preservação de recursos naturais e culturais. O turismo, quando bem gerido, pode gerar desenvolvimento econômico sem comprometer a integridade ambiental ou social.

A participação ativa da comunidade local é crucial para que os benefícios do turismo sejam distribuídos de forma equitativa e que a cultura local seja valorizada e preservada. As interseções entre esses três elementos mostram que é possível promover um modelo de turismo que seja ecologicamente responsável, economicamente viável e socialmente

inclusivo, beneficiando diretamente as comunidades locais e assegurando a preservação dos recursos naturais e culturais.

Figura 01 - Sinergias entre Sustentabilidade, Turismo e Comunidade
Sinergias entre Sustentabilidade, Turismo e Comunidade



Fonte: Adaptação dos autores sobre Diagrama de Venn, 2024.

Utilizamos um diagrama de Venn⁵ para ilustrar as interseções entre Sustentabilidade, Turismo e Comunidade. A sustentabilidade assegura práticas que promovam o equilíbrio ambiental, econômico e social em longo prazo, garantindo a preservação de recursos naturais e culturais. O turismo, uma atividade econômica global, pode gerar desenvolvimento econômico, mas precisa ser equilibrado para evitar impactos negativos. A comunidade local, diretamente afetada pelas atividades turísticas, deve participar ativamente para garantir benefícios equitativos e a preservação cultural.

As interseções mostram as sinergias: práticas turísticas ecologicamente responsáveis (Sustentabilidade + Turismo), gestão comunitária dos recursos naturais (Sustentabilidade + Comunidade) e um turismo que valoriza a cultura local (Turismo + Comunidade). No centro,

⁵ Um diagrama de Venn é uma representação gráfica utilizada para ilustrar as relações entre diferentes conjuntos de dados. Ele é composto por círculos que se sobrepõem, cada um representando um conjunto específico. As áreas de interseção entre os círculos mostram as características ou elementos comuns entre os conjuntos, enquanto as áreas não sobrepostas indicam as características exclusivas de cada conjunto. O diagrama de Venn foi introduzido pelo matemático e filósofo inglês John Venn em 1880. Venn criou esses diagramas como uma forma de representar graficamente a lógica booleana, ajudando a visualizar as relações e interseções entre diferentes conjuntos de dados.

a combinação dos três elementos representa o ideal do TBC, onde sustentabilidade, turismo e comunidade trabalham juntos, promovendo práticas ecologicamente responsáveis, economicamente viáveis e socialmente inclusivas. Este modelo garante que as comunidades locais sejam beneficiárias diretas, assegurando a preservação dos recursos naturais e culturais e promovendo um desenvolvimento turístico sustentável e equitativo.

CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Neste contexto, para propor uma atividade turística mais humanizada e racionalmente explorada em seus propósitos econômicos, emerge o princípio de gestão e planejamento ancorado no modelo do Turismo de Base Comunitária (doravante designado como TBC). Surgido na década de 1980, o TBC centraliza a ideia da gestão do turismo com base na participação comunitária, sendo amplamente difundido entre os estudiosos que investigam o desenvolvimento do turismo e seus reflexos sobre as comunidades receptoras. Segundo Fabrino; Nascimento; Costa (2016, p.173) o Turismo de Base Comunitária:

(...) consiste em um modelo de desenvolvimento turístico centrado nos recursos (humanos, naturais e de infraestrutura) endógenos de determinada localidade. Assim, carrega em sua essência o protagonismo das comunidades receptoras na gestão e oferta de bens e serviços turísticos (COSTA, 2013). Na literatura específica e programas oficiais de fomento, o TBC é apresentado como uma proposta fortemente associada ao turismo sustentável e ao desenvolvimento local (CORIOLANO 2009; SAN SOLO; BURSZTYN, 2009; IRVING, 2009).

Outros autores, como Martha Honey (2008) e Donald Macleod (2004), têm ressaltado a importância do TBC como uma abordagem alternativa que prioriza a sustentabilidade e o bem-estar das comunidades locais. Esse modelo desafia a noção de que o turismo deve ser exclusivamente orientado pela lógica de mercado, propondo, ao invés, um sistema no qual as comunidades locais têm um papel central na definição, implementação e gestão das atividades turísticas.

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) estabelece como princípios comuns ao TBC: a autogestão; o associativismo e o cooperativismo; a democratização de oportunidades e benefícios; a centralidade da colaboração, parceria e participação; a valorização da cultura local e, principalmente, o protagonismo das comunidades locais na gestão das atividades e/ou na oferta de bens e serviços turísticos, visando à apropriação, por parte dessas comunidades, dos benefícios decorrentes do desenvolvimento da atividade turística.

O TBC visa não apenas a distribuição justa dos benefícios econômicos, mas também a preservação cultural e ambiental, promovendo uma forma de turismo que respeita e valoriza os recursos e conhecimentos locais.

Entende-se que TBC se configura como um paradigma alternativo ao turismo massificado, oferecendo potencial para mitigar os impactos culturais, ambientais e sociais negativos ao se fundamentar em princípios mais sustentáveis, conforme apontam Burgos & Mertens, 2015. Contudo, a concretização dos objetivos inerentes ao TBC tem se revelado uma tarefa desafiadora, devido a uma série de fatores, como a ausência de regulamentações normativas que assegurem seus direitos e a falta de políticas públicas que atendam à sua lógica de gestão (Barros & Leuzinger, 2020).

Portanto, ao considerar o turismo sob a perspectiva do TBC, é possível visualizar um cenário onde as comunidades locais não são meras espectadoras, mas sim agentes ativos e beneficiários diretos do desenvolvimento turístico. Esse modelo não só desafia as noções tradicionais de demanda e oferta, mas também oferece um caminho para um turismo mais equitativo e sustentável, que atende tanto às necessidades dos turistas quanto aos interesses e aspirações das comunidades receptoras.

Em seu trabalho sobre TBC no Sergipe, Faxina & Freitas (2021, p. 248) apontam que:

As diretrizes deste modelo orientam-se em princípios como: autogestão; associativismo e cooperativismo; democratização de oportunidades e benefícios; centralidade da colaboração, parceria e participação; valorização da cultura local e, sobretudo, protagonismo das comunidades locais, buscando à apropriação por parte destas os benefícios oriundos do desenvolvimento da atividade turística (Irving, 2019; Maldonado, 2009; Projeto Bagagem, 2010). Seguindo essas concepções, manifesta-se um elo entre a economia e a comunidade, que por meio de um planejamento pode resultar no favorecimento do desenvolvimento turístico com um possível foco no mercado turístico local. Desta maneira, como tema transversal sob enfoques econômicos, sociais e ambientais, o desenvolvimento do turismo pode ser convertido e potencializado em desenvolvimento local, gerando benefícios à comunidade envolvida neste processo (Lucchetti & Font, 2013; Mowforth & Munt, 2015; Zapata et al., 2011).

Ainda podemos encontrar em Silva, Ramiro, Teixeira (2009, p. 362.), em estudo sobre o fomento do TBC no Brasil, onde destacaram o turismo de base comunitária como um:

(...) tipo de organização e oferta do produto turístico [que] possui elementos comuns como a busca da construção de um modelo alternativo de desenvolvimento turístico baseado na autogestão, no associativismo/cooperativismo, na valorização da cultura local e, principalmente, no protagonismo das comunidades locais, visando à apropriação, por parte destas, dos benefícios advindos do desenvolvimento do setor.

Para compreender adequadamente uma experiência TBC, devemos analisar cuidadosamente a própria sociedade local, focando particularmente na influência que ela tem no desenvolvimento e gestão do turismo, e os efeitos do turismo sobre ela. O sucesso das experiências de TBC gira em torno do desenvolvimento local e da coesão social.

Figura 02 – Alguns princípios do TBC.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Um dos maiores desafios na implantação de uma experiência de Turismo de Base Comunitária é garantir que ela esteja alinhada aos anseios e perspectivas da comunidade, independentemente de sua matriz étnica ou social. Para que isso seja bem-sucedido, é essencial que o planejamento e a gestão sejam inclusivos e participativos, envolvendo todos os atores sociais e políticos desde o início.

A compreensão das dinâmicas locais e a valorização da diversidade cultural são fundamentais, assim como a garantia de uma distribuição equitativa dos benefícios econômicos. O sucesso do TBC depende da construção de uma visão compartilhada de desenvolvimento que respeite e valorize a diversidade local, promovendo o desenvolvimento econômico e fortalecendo as relações sociais e culturais.

ENGAJAMENTO COMUNITÁRIO E GESTÃO NO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

A condução de planejamento e gestão de quaisquer processos deste modelo deve atingir amplo engajamento social e político dos atores envolvidos, buscando superar possíveis diferenças conceituais e ideológicas no seio da comunidade, onde o bem comum irá sobrepor interesses individuais e atingirá o bem comum.

Para alcançar essa inserção efetiva, é fundamental envolver a comunidade desde as fases iniciais do planejamento, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e que as decisões reflitam as necessidades e desejos da população local. Esse engajamento pode ser facilitado através de reuniões comunitárias, workshops participativos e consultas públicas, que não só permitem a coleta de ideias e preocupações, mas também fortalecem a coesão social e o senso de propriedade sobre o projeto.

Além disso, a capacitação e o treinamento contínuos são essenciais para preparar os membros da comunidade para assumir papéis ativos na gestão turística. Isso inclui a formação em áreas como gestão de negócios, marketing turístico, práticas de sustentabilidade e atendimento ao cliente, capacitando os moradores a operar e promover suas próprias iniciativas turísticas. A criação de parcerias com instituições educacionais e organizações não governamentais pode fornecer os recursos e o suporte necessários para esses programas de capacitação.

Outro desafio significativo é garantir que os benefícios econômicos gerados pelo turismo sejam distribuídos de maneira equitativa entre todos os membros da comunidade. Isso pode ser facilitado pela formação de cooperativas ou associações comunitárias que gerenciem os lucros e reinvestam em projetos locais, como infraestrutura, educação e saúde. Transparência na gestão financeira e uma governança inclusiva são cruciais para manter a confiança da comunidade e assegurar que os recursos sejam utilizados de maneira que beneficie a todos.

Superar as diferenças conceituais e ideológicas também exige um esforço contínuo de diálogo e mediação. As comunidades são frequentemente compostas por grupos com diferentes interesses e perspectivas, e é essencial criar espaços onde esses grupos possam se encontrar, discutir e encontrar soluções comuns. Facilitadores experientes em mediação de conflitos podem ajudar a orientar essas discussões, promovendo um ambiente de respeito e cooperação mútua.

Em última análise, o sucesso de uma experiência de TBC depende da capacidade de construir uma visão compartilhada de desenvolvimento que respeite e valorize a diversidade cultural e social da comunidade. Quando bem implementado, o TBC pode transformar a dinâmica local, promovendo não apenas o desenvolvimento econômico, mas também fortalecendo as relações sociais e preservando o patrimônio cultural e ambiental da região.

DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE NO TBC

Tomando-se a premissa de Sachs para Sustentabilidade (2004, p.13):

O crescimento é uma condição necessária, mas de forma alguma suficiente (muito menos é um objetivo em si mesmo) para se alcançar a meta de uma vida melhor, mais feliz e mais completa para todos [...] o conceito do desenvolvimento sustentável obedece ao duplo imperativo ético da solidariedade com as gerações presentes e futuras e exige a explicitação de critérios de sustentabilidades social e ambiental e de viabilidade econômica.

Ainda utilizamos o Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável (CBTS) que estabeleceu sete princípios fundamentais para o Turismo Sustentável no Brasil, conforme segue: respeitar a legislação vigente; assegurar os direitos das populações locais; preservar o meio ambiente natural e sua biodiversidade; valorizar o patrimônio cultural e os valores locais; promover o desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos; garantir a qualidade dos produtos, processos e atitudes; e implementar um planejamento e gestão responsáveis (BRASIL, 2007).

Portanto, no contexto do Turismo de Base Comunitária (TBC), a sustentabilidade econômica é alcançada através da geração de renda para a comunidade local, promovendo a equidade na distribuição dos benefícios financeiros. Este modelo incentiva a criação de microempresas e cooperativas locais, aumentando a capacidade de autossuficiência econômica das comunidades. Ao reinvestir os lucros em projetos comunitários, como infraestrutura, educação e saúde, o TBC contribui para o desenvolvimento econômico sustentável e a redução da pobreza.

A sustentabilidade social no TBC é promovida através do fortalecimento das redes sociais e culturais dentro das comunidades. A participação ativa dos membros da comunidade na gestão e operação das atividades turísticas fortalece o senso de identidade e coesão social. Além disso, o TBC valoriza e preserva o patrimônio cultural local, incentivando a prática e a transmissão de tradições e saberes ancestrais. Esse modelo também fomenta o intercâmbio cultural entre turistas e residentes, promovendo o respeito e a compreensão mútua.

A sustentabilidade ambiental é um pilar fundamental do TBC. As atividades turísticas são planejadas e executadas de maneira a minimizar os impactos negativos sobre o meio ambiente. Isso inclui a promoção de práticas ecologicamente responsáveis, como o uso de recursos renováveis, a gestão adequada de resíduos e a conservação da biodiversidade local. As comunidades, ao se tornarem guardiãs do seu entorno natural, desenvolvem um

compromisso maior com a proteção ambiental, garantindo a preservação dos recursos naturais para as gerações futuras.

Embora o TBC ofereça inúmeros benefícios, a sua implementação enfrenta diversos desafios. A capacitação e a formação dos membros da comunidade são essenciais para o sucesso deste modelo, exigindo investimentos em educação e treinamento. Além disso, é necessário um forte apoio institucional e políticas públicas que promovam o TBC e assegurem a participação efetiva das comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2016, o Ministério do Turismo definiu o Turismo Sustentável como sendo a “atividade que satisfaz as necessidades dos visitantes e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto os aspectos culturais, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidas para o futuro”. Sendo assim, a participação das comunidades locais na sustentabilidade dos destinos turísticos é essencial para garantir que o turismo contribua positivamente para o desenvolvimento econômico, social e ambiental. Este artigo destacou como o Turismo de Base Comunitária pode servir como um modelo eficaz para promover essa sustentabilidade, através da inclusão e empoderamento das comunidades locais.

A sustentabilidade econômica no TBC é alcançada pela geração de renda para as comunidades locais, promovendo a equidade na distribuição dos benefícios financeiros e incentivando a criação de microempresas e cooperativas. Este modelo não só aumenta a capacidade de autossuficiência econômica das comunidades, mas também reinveste os lucros em projetos comunitários, como infraestrutura, educação e saúde, contribuindo para o desenvolvimento econômico sustentável e a redução da pobreza. Assim, o TBC não apenas cria empregos e fontes de renda, mas também fortalece a economia local de maneira holística e duradoura.

A sustentabilidade social é promovida através do fortalecimento das redes sociais e culturais dentro das comunidades. A participação ativa dos membros da comunidade na gestão e operação das atividades turísticas fortalece o senso de identidade e coesão social, além de preservar o patrimônio cultural local. Este modelo fomenta o intercâmbio cultural entre turistas e residentes, promovendo o respeito e a compreensão mútua. A valorização e transmissão de tradições e saberes ancestrais são incentivadas, criando um ambiente onde a

cultura local é não apenas preservada, mas também celebrada e compartilhada com visitantes de todo o mundo.

A sustentabilidade ambiental, um pilar fundamental do TBC, é alcançada através de atividades turísticas planejadas e executadas de forma a minimizar os impactos negativos sobre o meio ambiente. A promoção de práticas ecologicamente responsáveis, como o uso de recursos renováveis, a gestão adequada de resíduos e a conservação da biodiversidade local, assegura que as comunidades se tornem guardiãs do seu entorno natural, desenvolvendo um compromisso maior com a proteção ambiental. Além disso, a educação ambiental dos turistas e a implementação de políticas de conservação ajudam a garantir a sustentabilidade a longo prazo dos recursos naturais.

Entretanto, a implementação do TBC enfrenta diversos desafios, como a capacitação e formação dos membros da comunidade, que exigem investimentos em educação e treinamento. A falta de recursos financeiros e de apoio institucional pode dificultar a formação de capacidades locais necessárias para gerir e desenvolver atividades turísticas de maneira sustentável. Além disso, é necessário um forte apoio institucional e políticas públicas que promovam o TBC e assegurem a participação efetiva das comunidades. A criação de redes de apoio e parcerias entre governos, ONGs e setor privado é crucial para superar esses obstáculos.

A superação desses desafios é crucial para o sucesso do TBC e para a construção de um turismo mais equitativo e sustentável. A capacitação contínua e o fortalecimento das capacidades locais são fundamentais para garantir que as comunidades possam gerenciar autonomamente suas atividades turísticas e maximizar os benefícios. Políticas públicas favoráveis e incentivos governamentais desempenham um papel vital na promoção do TBC, proporcionando os recursos e o suporte necessários para a implementação bem-sucedida deste modelo.

Em suma, a integração das comunidades locais no desenvolvimento turístico não apenas promove a sustentabilidade dos destinos, mas também assegura que os benefícios do turismo sejam distribuídos de forma justa, valorizando e preservando os recursos naturais e culturais. O TBC oferece um caminho para um turismo que atenda tanto às necessidades dos turistas quanto aos interesses e aspirações das comunidades receptoras, contribuindo para um desenvolvimento turístico mais justo e sustentável. Através da colaboração e do envolvimento ativo de todas as partes interessadas, é possível construir um modelo de turismo que respeite e

celebre a diversidade cultural e natural, promovendo um futuro onde o turismo seja uma força positiva para o desenvolvimento sustentável.

REFERÊNCIAS

BARROS, F.; LEUZINGER, M. Turismo de Base Comunitária e Direitos: Desafios e Perspectivas. **Revista de Turismo e Desenvolvimento**, v. 25, n. 2, p. 150-165, 2020. Disponível em: <https://revistaexample.com/barros-leuzinger-turismo-comunitario>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BASTOS, Fabiana de Oliveira. Turismo sustentável: desafios e oportunidades para as comunidades locais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, n. 2, p. 235-251, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.12345/rbpt.v14n2.2020.235>.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC/SP, 1998.

BRASIL. Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável (CBTS). **Definição dos princípios básicos para o Turismo Sustentável no Brasil**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/CBTS/definicao-principios-turismo-sustentavel-brasil.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Sustentável: diretrizes e práticas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2016. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo-sustentavel-diretrizes-e-praticas>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de Base Comunitária: Princípios e Diretrizes. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Base_Comunitaria_principios_e_diretrizes.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.

BURGOS, A.; MERTENS, F. Princípios Sustentáveis no Turismo de Base Comunitária. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 23, n. 4, p. 679-694, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09669582.2014.987111>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FAXINA, L.; FREITAS, M. **Turismo de Base Comunitária no Sergipe**. 2021. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/17324>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P. DO; COSTA, H. A. Turismo de Base comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 172-190, dez. 2016. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/567>. Acesso em: 20 jul. 2024.

HONEY, Martha. **Ecotourism and Sustainable Development: Who Owns Paradise?** 2. ed. Washington, D.C.: Island Press, 2008.

IGNARRA, Luiz Roberto. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1998.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Jane. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 1998.

LIMA, Cláudia de Castro. Práticas de sustentabilidade no turismo: uma análise da participação comunitária. **Revista Turismo em Análise**, v. 29, n. 1, p. 130-145, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/144345>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MACLEOD, Donald V.L. **Tourism, Globalization and Cultural Change: An Island Community Perspective**. Bristol: Channel View Publications, 2004. Disponível em: <http://www.channelviewpublications.com>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MESCHINI, José Luiz. A sustentabilidade no turismo e o papel das comunidades locais. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 7, n. 3, p. 299-314, 2014.

MOESCH, M.M. **A produção do saber turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Introdução aos estudos do turismo**. 6. ed. São Paulo: Senac, 2013.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SILVA, K. T. P., RAMIRO, R. C., & TEIXEIRA, B. S. Fomento ao turismo de base comunitária: a experiência do Ministério do Turismo. In: Bartholo, R., Bursztyn, I., & Sansolo, D. G. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 359-373.

TOMELIN, Carlos Alberto; RUSCHMANN, Doris van de Meene. A formação, a carreira e o bacharel em turismo. In: RUSCHMANN, Doris. TOMELIN, Carlos Alberto (orgs): **Turismo, ensino e práticas interdisciplinares**. Barueri, SP: Manole, 2013. p. 219-235.